

# KINORAMA

## Secção de correspondência

Escreve-nos um leitor amável perguntando porque cada não possui «Kino» uma secção de correspondência semelhante à das outras revistas cinematográficas.

Não foi de ânimo leve que tomamos semelhante resolução. Se a não temos — relembramos a nós mesmos — não é porque não desejamos satisfazer a curiosidade dos leitores. «Kino» pressupõe de possuir um dos melhores arquivos que existem em Portugal, e conta no quadro da sua redacção o mais hábil e do camentado dos «homens-resposta». Não tem secção de correspondência — porque não quer. O seu propósito é encerrar o cinema como uma coisa séria, não lhe cabendo portanto desperdiçar o seu precioso espaço com as alturas, o péso, a cóp de olhos e dos cabelos das vedetas conhecidas, nem fornecer aos cinéfilos visões de autografos insignificativos mais elementos para dar que fazer aos ocupadíssimos secretários de publicidade.

Com a segurança que uma longa pratica nos confere, podemos afirmar que a percentagem de cartas incluindo perguntas verdadeiramente interessantes é, desoladoramente, inferior a uma por cento. Uma revista que pretende elevar o nível da apreciação do cinema não podia pois ter semelhante transigência.

Nos bem sabemos que isso traz inconvenientes, mas não estamos dispostos a sacrificar por um mesquinho interesse as nossas ideias.

Há porém perguntas que merecem resposta, e nesse numero se podem ler as formuladas pelo nosso simpático leitor. A casa está «Kino» sempre pronto a responder, não em quadro das rabujadas, dentro duma secção desaperçadamente mimetizada, mas em artigos especiais.

«Kino» tem contido em mente, desde o seu primeiro numero, a criação duma secção capaz de satisfazer os curiosos inteligentes, secção de que falará no seu próximo numero.

## Actualidades sonoras

Também têm conquistado o geral agrado do publico os fonofilmes de actualidades apresentados em Lisboa. E uma verdadeira viagem de magia, a que nos propoem essas curtas películas, infalivelmente curias, visões no espaço e no tempo que deixa a perder de vista a «maquina de fazer o tempo» imaginada por H. G. Wells. Sentados na mesma cadeira, inovada, deslumbrados, presenciamos o atentado contra o Principe Humberto de Itália, ouvimos um discurso de Mussolini, visitamos uma quinta americana onde ha graciosas brutas, assistimos as provas finais dum campeonato de atletismo inter-universitário, ha cor-

ridas de Daytona Beach, a chegada da Primavera a Paris, a lição de primetas Miras... árabes numa cidade oriental, e a uma corrida nas aguas transparentes do Hawaii!

E ainda ha quem negue o poder enluzado do cinema, a que os seus visões dar uma tão estranha verdade.

## Desenhos animados

Uma das mais interessantes conquistas do cinema sonoro é, sem dúvida, a dos desenhos animados.

Sempre apreciámos essas hilaritantes visões em que a fantasia não encontra praticamente limites, desde os homenzinhos raiados de Lotz, Landelle e Benjamin Rabier, até aos maravilhosos gato Felix e palhaço Koko, «filhos» de Pat Sullivan e Max Fleischer. Mas a descoberta dessas caricaturas animadas veio revelar toda uma inédita tec-



FELIX-THE-CAT  
criado por Pat Sullivan

ras, a da «caricatura musical», em que os efeitos de «jaz» extravagante, deformados pelo microfone, encontram uma perfeita utilização.

Conhecem-se verdadeiras obras-primas de humorismo com a combinação dos desenhos animados e dos sons. Os dois «sound-cartoons» que já foram apresentados em Lisboa, «Quatro Diabos», com o gato Matou, e «Trabalha no Corral», com o rato Mickey, conquistaram incondicionalmente o publico — e a nossa admiração.

## Dois fonofilmes franceses

A França — e isso é um motivo de orgulho para os povos latinos, que reconhecem nela a sua metropole intelectual — está no principio de todas as manifestações do génio humano representada por elementos do maior va-

lor, capazes de produzir obras marcantes.

No principio do cinema silencioso, nas fileiras francesas alinharam nomes como Louis Delluc, Abel Gance, Robert Denirois e Louis Nalpa. Agora que o cinema sonoro procura o seu caminho, cineastas francezes imediatamente se dispuseram a engestrar o seu esforço para desbravar a nova senda, proporcionando-lhe novos horizontes. São exemplo do que cinema os nomes de René Clair e Auguste Genina que, embora de origem italiana, tem no entanto empregado toda a sua actividade nos estúdios francezes, podendo nós, sem grande esforço, considerá-lo um cineador francês.

René Clair e Auguste Genina acabam de realizar dois filmes que se notabilizaram pelos «trouvailles» de que ambos estão capazes.

Do filme de Clair «Sous les toits de Paris» disse Lucie Derrain, uma competente critica franceza, na «Cinematographie Française»: «René Clair, um mestre na ironia, acaba de realizar um filme falado e cantado que — milagre — trás consigo efeitos intelectualmente novos, integralmente apropriados à técnica do fonocinema. Nesse ponto de vista e das leis tolas de Paris é admirável».

De «Prix de Beauté», a obra de Ge-

nina, disse a mesma senhora: «Alinda, que não fosse só pelo seu defeito inesperado (ão original, o filme de Genina mereceria ser visto. Mas desde o começo interessamo-nos pelas personagens — a sua humanidade, a sua alegria e os seus sofrimentos».

Genina quis fazer uma obra profundamente e «simplesmente» humana, «Prix de Beauté» possui uma outra, rara, qualidade: a unidade.

Por tudo «Prix de Beauté» vem indicar o caminho pelo qual os cinegrafos europeus deveriam caminhar».

## Cinemas de Nova-York

A United Price comunica que dos 23 teatros que funcionam em Broadway apenas dois, o «Hammerstein» e o «Empire» não exibem películas sonoras. Mas o Hammerstein está por pouco, e o Empire...

O «Columbia», que exhiba revistas hoteleiras, terminou os seus espectáculos a 29 de março ultimo, estando já a ser demolido para se transformar num monumental cinematografo. Além destes, o Astor, o Gaiety, o Globe, o Central, o Criterion, o New York Winter Garden, e o Earl Carroll, deixaram o teatro pelo fonocinema. O Paramount o Rialto, o Rivoli, o Strand, o Capitol, o Roky, o Colony, o Warner, o Embassy, o Loews State e o modernissimo «Hollywood», foram construídos especialmente para cinema.

Nesta lista só se não inclui o «Palace», última praça-forte da opereta e os teatros das ruas transversais.

## PORQUE NAO VAI O PUBLICO

# AOS CINEMAS?

A diminuição de frequencia notada nestes ultimos tempos pelos cinemas portuguezes, é uma verdade indubitável que nada nos aconselha a ocultar. Sim, de que serve dizer que os cinemas continuam «a cumprir» quando em boa verdade elles estão «a mistar»?

Tendo a temporada de 1929-1930 começado sob os mais brilhantes auspícios, do Carnaval para cá que a quantidade do publico que vai aos cinemas diminui a olhos vista, assistendo seriamente os exhibidores e transendo os distribuidores seriamente apressados. Nestas ultimas semanas o fenomeno tem assumido proporções realmente inexplicáveis, posto que a sparção tardia do calor ainda não afastou de Lisboa um numero considerável de pessoas.

Os estudantes estão ainda a mês e meio de férias. Os empregados ainda não pensaram nas licenças. Os vizinhos ainda não se tentaram a inaugurar as suas villas. Os hotéis das termas e das praias continuam vazios. E o publico não aparece nos cinemas!

Assombram-se as estrelas sensacionais. Enchem-se os jornais de publicidade. Apresentam-se filmes de invejáveis méritos. Produções portuguezas. Muitos conseguem obter o agrado incondicional e manifesto da critica e dos espectadores. E o publico — o grande publico, como usa dizer-se, o grosso publico, como ha quem diga — nada!

Nem mesmo a grande novidade da temporada, e cinema sonoro, com o seu cortejo de discussões, e o seu caracter nitidamente revolucionario conseguem modificar o lamentavel estado de coisas.

Duma estatística que um dia elaborámos pacientemente, concluímos que a percentagem de cinesfilos assíduos nunca excedera 15 por cento da população de Lisboa, nem mesmo nos tempos aureos da «Grande Parada». Pois actualmente, essa percentagem diminuiu para 7 por cento, ao seja menos de metade.

Queixam-se os empresarios dos cinemas de terem deixado de ver nas «premiéras» aquele pelotão de caras conhecidas «frêchero» em todas as estrelas. Queixam-se os camaroteiros de ha muito não terem o prazer de ver a casa passada algumas horas antes do espectáculo, afirmando terem diminuído, duma forma espantosa as marcações prévias de lugares.

Há, evidentemente, excepções. Mas o facto de, por esta ou por aquela ocasião extraordinaria, se voltarem a ver as talis «caras conhecidas» ocupando os seus lugares habituaes, e voltarem a figurar na lista dos lugares marcados

os mesmos nomes «dos tempos de antigamente», provando que não foi uma misteriosa epidemia que vitimou os entusiastas «habitués», mais vem complicar a explicação do caso.

Não faltam pessoas bem e mal intencionadas, dezas a quem nada «da novidade» e que tudo «já sabiam, ha que tempos», dispostas a dar as mais diversas justificações.

— Porque não vai o publico aos cinemas?, dizia-me ha dias um empresario que sega a pé nosso o futuro do fonocinema. Mas, meu amigo, por causa de cinema sonoro! Unicamente por causa de cinema sonoro! E explicava: o publico sofre uma decepção, protesta, melo-se em copas. Não está para pagar os preços que lhe exigem para ouvir uma sessão de gramofone.

— Mas porque não vai ao cinema silencioso? perguntámos...

— E quem se melo em copas foi o empresario.

— Ora, porque ha-de ser! — dizia-me um outro. Por causa de Colliu! Bem vê, são seis mil pessoas a menos, todas as noites!... Depois, a sarcasmo...

O empresario não nos mereceu qualquer consideração e procuramos outras justificações. Perguntamos a um espectador, a um dos talis espectadores infalíveis nas apresentações:

— Porque não vai o publico ao cinema?

— Que quero? Não lhe apresentamos senão procurado! Veja a lista «K... Uma falhanço! A Rita «E... Uma bodega! Até a Fulana, a propria Fulana, a grande Fulana, — farta-se de ir mal.

— Mas o meu amigo, que é do publico, continua a ir.

— Eu?... É verdade. Eu continuo a ir. E o Silva, aquele rapaz que lhe apresento no outro dia, tambem vai... «dos outros» é que não vão...

— Quem seriam os outros? — Desculpa-se este com o somero, aquele com o somero, aquele outro com o Colliu, um outro ainda com o Colliu, um ultimo com a deficiência dos programas.

Mas nenhuma das explicações são satisfactorias. E os mais atilados encontram os ombros e dizem: Sei lá!...

Não tambem nos sabemos. Mas a verdade é que, devido à temporada de opera «para sete e quinhentos» no Colliu dos heredes ou à pavorosa crise economica que vamos atravessando, o publico, o publico tão incrivelmente como indispensavel, já não vai aos cinemas como ia, desertando das suas salas de eleição, atirando as suas vedetas predilectas.

Porquê?...

ANTONIO LOPES RIBEIRO

## Uma teoria de Eisenstein

E. M. Eisenstein é o maior dos realistas russos. Deu o cinema movimento «à Lenda Russa», organismo documental sobre a vida e os problemas que preocupam o cego do exterior. Deu novos o grau de politer, serie numero, uma nova abordagem duma grande teoria:

O filme de massas não é considerado como o ultimo estado do desenvolvimento do filme sovietico. Torneou a possibilidade de quebrar a tradição do «eterno-triângulo» (marido, mulher e amante) e de procurar outros modos de expressão cinematografica. Não quero diminuir o papel dos autores de documentarios ou do filmes abstractos. A grande diferença entre as suas tentativas e as do filme de massas, é que o filme abstracto não pretendia nem enganar nem provocar as emoções principalmente sociais do auditorio. Não não dispomos já dos recursos do assunto de aventuras, do caso politico, etc.; era-nos portanto necessario encontrar, nas proprias imagens e na manira de as montar, a forma de provocar as desejadas emoções.

Foi uma questão que muito nos preocu-

cou. Depois de para isso muito trabalho, conseguimos atingir o maior escopo da nossa arte: filmar pela imagem as ideias abstractas, de alguma maneira concretis-las; e isto conseguimos, não traduzindo uma ideia por uma anedota qualquer, mas procurando directamente na imagem os meios de provocar reacções sentimentais, previstas de antemão.

Trata-se de realizar uma serie de imagens composta de tal forma que provoque um movimento afectivo, que por sua vez desperte uma serie de ideias. Da imagem ao sentimento, do sentimento à tese. Procedendo assim artistica-mente, evidentemente, a que o filme se torna symbolico; mas não se deve esquecer que o cinema é a unica arte concreta que ao mesmo tempo é dinamica e que pode despertar as operações do pensamento.